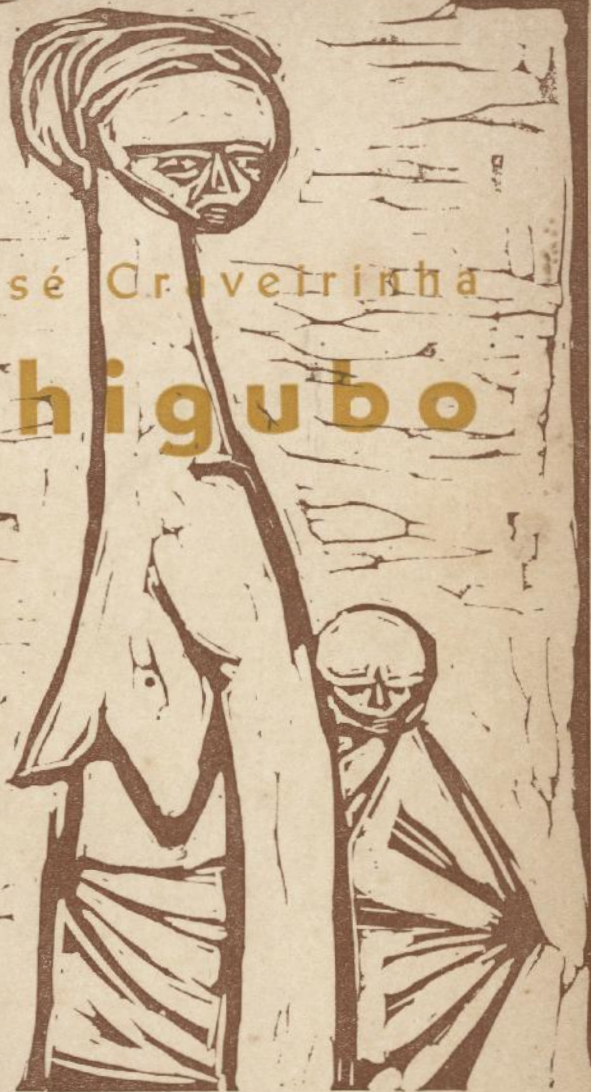


José Craveirinha

chigubo



EDIÇÃO DA CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO — LISBOA

COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

SÉRIE LITERATURA

- N.º 1 — *Amor*, de M. António, (esgotado)
N.º 2 — *A Cidade e a Infância*, de Luandino Vieira,
(esgotado)
N.º 3 — *Fuga* (Poemas, 1960), de Arnaldo Santos, (esgotado)
N.º 4 — *Poemas*, de Viriato da Cruz, (esgotado)
N.º 5 — *Poemas de Circunstância*, de António Cardoso,
(esgotado)
N.º 6 — *Terra de Acácias Rubras*, de Costa Andrade,
(esgotado)
N.º 7 — *Kissange*, de Manuel Lima
N.º 8 — *Poemas*, de Agostinho Neto, (esgotado)
N.º 9 — *Poemas*, de António Jacinto, (esgotado)
N.º 10 — *Poesias*, de Alexandre Dáskalos, (esgotado)
N.º 11 — *Poesia Angolana*, de Tomaz Vieira da Cruz
N.º 12 — *Diálogo*, de Henrique Abranches
N.º 13 — *Caminhada*, de Ovídio Martins
N.º 14 — *Chigubo*, de José Craveirinha

SÉRIE ETNOGRAFIA

- N.º 1 — *Cancioneiro Popular Angolano*, (subsídio) de
Gonzaga Lambo

SÉRIE ENSAIO

- N.º 1 — *Literatura Angolana* (resenha histórica) de Carlos Ervedoza
N.º 2 — *Consciencialização na Literatura Cabo Verdeana*,
de Onésimo Silveira

COLECCÃO AUTORES ULTRAMARINOS

JOSÉ CRAVEIRINHA

manifesto

chigubo



LISBOA
MCMLXIV

manif esto

Oh!

Meus belos e curtos cabelos crespos
e meus olhos negros
grandes luas de pasmo na noite mais bela
das mais belas noites inesquecíveis das terras do Zam-
[beze.

Como pássaros desconfiados
incorruptos voando com estrelas nas asas
meus olhos enormes de pesadelos e fantasmas estra-
[nhos motorizados
e minhas maravilhosas mãos escuras como raízes do
[cosmos

nostálgicas de ritos de iniciação
duras na velha rota das canoas da tribo
e belas como carvões de micaia na noite das quizumbas.

E minha boca de lábios túmidos
cheios da bela virilidade ímpia de negro
mordendo a nudez lúbrica de um pão
ao som da orgia dos insectos urbanos
apodrecendo a manhã nova
com a cega-rega inútil das cigarras obesas.

Oh! e meus dentes brancos de marfim
puros brilhando na minha negra reincarnada face altiva.
E no ventre maternal dos campos da nossa indisfru-
[tada colheita de milho
O cálido encantamento selvagem da minha pele tropical.

Ah!

E meu corpo flexível como o relâmpago fatal da flecha
[de caça
e meus ombros lisos de negro da Guiné
e meus músculos tensos e brunidos ao sol das colheitas
[e da carga
na capulana astral de um céu intangível
com búzios soprando os velhos sons cabalísticos de
[África.

Ah!

O fogo, a lua, o suor amadurecendo os milhos
A irmã água dos rios
e a púrpura do nascente no gume azul dos seios das
[montanhas.

Ah, Mãe África no meu rosto escuro de diamante
de belas e largas narinas másculas
frementes haurindo o olor florestal
e as tatuadas bailarinas macondes
nuas
na bárbara maravilha eurítmica das negras ancas sen-
[suais
e no bater unísono dos pés descalços.

Oh! e meu peito da tonalidade mais bela do breu
e no imbondeiro da minha inaudita esperança gravado
[o tótem do Mundo
e minha voz estentórea de homem do Tanganhica
do Congo, Angola, Moçambique e Senegal.
Ah! Outra vez eu chefe zulo
eu zagaia banto
eu lançador de malefícios contra as pragas insaciáveis
[de gafanhotos
eu tambor, eu seruma, eu negro suaíli
eu Tchaca
eu Mahazul e Dingana
eu Zichacha na confiança dos ossinhos mágicos do
[Tinholo
eu árvore da Munhuana
eu tocador de presságios nas teclas das timbilas chopes
eu caçador de leopardos
eu batuque
e nas fronteiras de água do Rovuma ao Incomáti
eu cidadão dos espíritos das velhas luas
carregadas de anátemas de Moçambique.

msaho de aniversário

Negro chope
subnutrido canta na noite de lua cheia
e na timbila de ânforas de n'sala
toca audível msaho da virgem tonga.

E borboleta amarela
no estrénuo palpar das asas
sòzinha escreve na atmosfera agrimensurada
a fábula incrível das novas casas estranhas
e dos minérios sempre descobertos pelos outros
nas minhas terras familiares de shingombela
ao norte e ao sul do rio
agora chamadas *claim*.

E tu continuarás
mesmo assim
no teu dúbio silêncio.

Mas eu
do primeiro ao último invendido cromossoma
desnutrido moçambicano da cabeça aos pés

da concessão dos alvarás de exploração dos jazigos de
[Moçambique

e da tua conforme cobardia
farei para ti em mil novecentos e sessenta e um
inteiro o som
e completa a fúria
desta minha inexorável
impoética poesia.

imprecação

... Mas põe nas mãos de África o pão que te sobeja
e da fome de Moçambique dar-te-ei os restos da tua
[gula
e verás como também te enche o nada que te restituo
dos meus banquetes de sobras.

Que para mim
todo o pão que me dás é tudo
o que rejeitas, Europa!

poema do futuro cidadão

Vim de qualquer parte
duma Nação que ainda não existe.
Vim e estou aqui!

Não nasci apenas eu
nem tu nem nenhum outro...
mas irmão.

Tenho amor para dar às mãos cheias.
Amor do que sou
e nada mais.

Tenho coração
e gritos que não são meus somente
venho dum país que ainda não existe.

Ah! Tenho amor a rodos para dar
do que sou.

Eu!
Homem qualquer
cidadão duma Nação que ainda não existe.

áfrica

Em meus lábios grossos fermenta
a farinha do sarcasmo que coloniza minha Mãe África
e meus ouvidos não levam ao coração seco
misturada com o sal dos pensamentos
a sintaxe anglo-latina de novas palavras.

Amam-me com a única verdade dos seus evangelhos
a mística das suas missangas e da sua pólvora
a lógica das suas rajadas de metralhadora
e enchem-me de sons que não sinto
das canções das suas terras que não conheço.

E dão-me
a única permitida grandeza dos seus heróis
a glória das suas cidades de pedra e dos seus Rols
[Royce

e a dádiva quotidiana das suas casas de passe.
Ajoelham-me aos pés dos seus deuses de cabelos lisos
e na minha boca dilui-se
o abstracto sabor da carne do trigo
em milionésimas circunferências de pão.

E em vez dos velhos amuletos de garras de leopardo
vendem-me a sua bênção
a vergonha de uma certidão de filho de pai incógnito
uma sessão de «strip-tease» e meio litro
de vinho tinto com graduação de álcool de branco
[exacta para negro
um gramafone de magaiça
um filme de heróis de carabina a vencer traiçoeiros
selvagens de penas e flechas
e o ósculo das balas e dos gases lacrimogéneos
civiliza o meu casto impudor africano.

Efígies suspendem ao meu pescoço
rodela de latão em vez dos meus
autênticos mutovanas da chuva e da fecundidade das
[virgens
do ciúme e da colheita de amendoim novo.
E aprendo que os homens que inventaram a cadeira
[eléctrica
a técnica de Buchenwald e as bombas V2
acenderam fogos de artifício nas pupilas de ex-meninos
[vivos de Varsóvia
criaram Al Capone, Hollywood, Harlem
a seita Ku-Klux-Klan, Cato Mannor e Sharpeville
e emprenharam o pássaro que fez o choco
sobre o ninho morno de Hiroshima
conheciam o segredo das parábolas de Charlie Chaplin
lêem Platão, Marx, Gandhi, Einsten e Jean Paul Sartre
e sabem que Garcia Lorca foi assassinado
são os filhos dos monstros que descobriram a Inquisição

e perverteram de labaredas a crucificada nudez de Joana
[D'Arc
e vêm arar os meus campos com charruas «made in
[Germany»
mas já não ouvem a subtil
voz das árvores nos ouvidos surdos do espasmo das
[turbinas
não lêem no meu livro das nuvens o sinal das cheias
[e das secas
e nos seus olhos ofuscados pelos clarões metalúrgicos
extinguiu-se a eloquente epidérmica beleza de todas as
[flores
e já não entendem o gorjeio romântico das aves de
[casta
instintos de asas em bando nas pistas do éter
infalíveis e simultâneos bicos trespassando sôfregos
a infinita côdea impalpável do céu.
E no colo macio das ondas não adivinham os vermelhos
sulcos das quilhas negreiras
e não sentem como eu o prenúncio mágico sob os tran-
[satlânticos
da cólera das catanas de ossos nos batiques do mar.
E no coração deles a grandeza do sentimento
é do tamanho cow-boy do nimbo dos átomos
desfolhados no duplo *rodeo* aéreo do Japão.

Mas dos verdes caminhos oníricos do desespero
perdoe a bela civilização do sangue
ouro, marfim, ámen
e bíceps do meu povo.

E ao som másculo dos tantãs tribais
o eros do meu grito fecunda o húmus dos navios
[negreiros...

E ergo no equinócio da minha terra
o rubi do mais belo canto xi-ronga
e na insólita brancura dos rins da plena madrugada
a carícia dos meus dedos selvagens
é como a tácita harmonia de azagaias no cio da raça
belas como falos de ouro
erectos no ventre nervoso da noite africana.

ode a uma carga perdida num barco incendiado chamado save

Quantos morreram nos porões?
Os que estavam lá e nós.

I

O barco era grande
era grande o barco mas não chegava.
Os porões eram enormes
eram enormes os porões mas não chegavam.

Os beliches eram muitos
eram muitos os beliches mas não chegavam
e o barco encalhou.

Mas a mercadoria disciplinada coube
e quando o grande barco da Companhia encalhou
a carga de fardos de caqui e botões doirados
inteira renunciou.

Mas não desesperem mães
não fiquem tristes pais e amigos e irmãos
não molhem de lágrimas de adeus os lenços brancos
noivas idílicas e entristecidas irmãs.

O barco estava seguro
e segurada estava a carga perdida
sobre os salgados seios eróticos do mar.

Não fiquem tristes noivas
não desesperem velhos pais, amigos e irmãos
cobertos estavam os prejuízos da Companhia
armadora do barco que veio três dias
na primeira página dos jornais
e não veio mais.

Sob as escotilhas
a carga não tinha história
nem nada de novo no registo biográfico do livro de
[bordo.

Eram filhos e irmãos
negros, brancos chineses e mulatos
noivos e jogadores de futebol
e soldados quase
com fotografias tipo passe numeradas
casacos de caqui e botões amarelos
olhos sem perguntas metafísicas
bocas sem dialécticas
cantores de «rock'n roll»

todos belos da juventude absurda
com que juntos partiram quase homens para um des-
[tino de búzios
vestidos com a mesma inclemente
púrpura do cio das munições.

II

Quem foi que gritou?
foi a carga.
Quem foi que ardeu?
foi a carga.
Quem foi que explodiu?
foi a carga.
Quem foi que desapareceu?
foi a carga.

A carga consumiu as forças
últimas dos braços e das pernas ardidas
últimas dos olhos vítreos e das mãos queimadas
últimas dos gritos consumidos pelas chamas
últimas da seruma nos hiatos de agonia.

Oh, a carga libertou as forças todas nos porões
ao som dolente das ondas e da brisa dos palmares de
[Quelimane
com o casco mordendo as rochas duras do mar
e ao ritmo maravilhoso do tropel dos vivos no convés
a carga partiu as unhas

sangrou as mãos na miragem do portaló
e renunciou sem ver a imaginada
verde paisagem prometida.

III

Vinham nos beliches os homens
Vinham nas tarimbas os homens
Vinham nos camarotes os homens
e a carga que ardeu na manhã de água
foi dos beliches
e das tarimbas
foi da mercadoria que gritou em vão
no horror da sepultura de sal e ferros em brasa
com as mães e as irmãs
os pais e os irmãos
as noivas e os amigos
viajando no lado esquerdo do dólman de caqui
com botões amarelos como estrelas na noite
fatal da rota ensanguentada do mar.

Vinham nos beliches e nas tarimbas
os passageiros
quase soldados
quase maridos
quase noivos e quase homens
e quase crianças na memória viva das caçadas aos
[gala-galas

e juntos se apertaram fraternalmente
nas paredes verticais excessivamente mornas
do zodíaco tropical da morte.
E juntos uniram as vozes derradeiras
na derradeira compreensão
e juntos cuspiram o mesmo desprezo de fumo e de fogo
e rangeram os dentes na mesma alegria biológica
lúdica do extinto amor sem nexo.

Vinham nos beliches e nas tarimbas
e juntos pediram paz
e juntos desembarcaram no cais do silêncio absoluto
sem cinturões de cabedal cingindo os rins
e com a névoa dos olhos das velhas mães
dos velhos pais e dos amigos da infância recente
a névoa dos olhos das belas noivas e dos irmãos
nos minutos infinitos de saudade
na hora enigmática dos tições de braços e de gritos
com os belos botões amarelos das fardas brilhando
metálicas flores únicas desabrochando no zenite de pól-
[vora
e munições estoiradas na vala comum dos porões.

IV

Vinham nos beliches
e nas tarimbas dos porões
os belos meninos quase homens
que encheram de névoa os olhos das velhas mães

cavaram mais fundo as rugas dos velhos pais
dos velhos amigos de vinte anos
e das noivas e dos irmãos
o luto nas parangonas dos jornais
os rostos nas fotografuras tipogràficamente nítidas
olhando-nos com os mesmos olhares absortos
de adolescentes mortos
que já não envelhecem mais.

Não tinha história
a carga que ardeu nas entranhas do monstro
das líquidas florestas vingativas do mar.

Rostos brancos
escuros e morenos
cabelos crespos e lisos
ficaram no mesmo dia terrível do navio encalhado
da mesma cor mitológica das papoilas
e da exacta dimensão integral
da mesma morte saciada
na carga
do porão infernal do barco incendiado.

chigubo

Para Claude Coufon

Minha mãe África
meu irmão Zambeze
Culucumba! Culucumba!

Chigubo estremece terra do mato
e negros fundem-se ao sopro da *xipalapala*
e negrinhas de peitos nus
levantam os braços para o lume da irmã lua
e dançam as danças do tempo da guerra
da velha tribo da margem do rio.

Ao tã-tã do tambor
o leopardo fugiu
e na noite de assombrações
brilham alucinados
os olhos dos homens
e o fio azul do aço das catanas.

Dum-dum
tã-tã!

E negro Maiela
músculos tensos na azagaia rubra
salta a fogucira amarela
e dança as danças do tempo da guerra
da velha tribo da margem do rio.

E a noite desflorada
abre o sexo ao orgasmo do tambor
e a planície arde luas
no feitiço viril do xicuembo das catanas.

Tã-tã!

E os negros dançam o ritmo de lua nova
rangem os dentes na volúpia do *chigubo*
e provam o aço ardente das catanas ferozes
na carne sangrenta da micaia grande.

E as vozes rasgam o silêncio da terra
enquanto os pés batem
enquanto os tambores batem
e enquanto a planície vibra os ecos milenários
os negros
dançam as danças do tempo da guerra
da velha tribo da margem do rio.

1958

subida

Preço de açúcar e farinha
subiu
ai a passividade animal!

Preço de amendoim subiu
subiu preço de «gogogo» de água;
ai a passividade animal!

Gindaste matou «mavique» na ponte-cais
«Djimizhana» morreu na roda do camião
«riquexó» não pára na ilha de Moçambique
«m'gaíza» não voltou das minas do Jone
ai a passividade animal!

Patrão bateu, bateu:
— «cão narro que te mato»!
Mamana foi no porão para S. Tomé
«shipakana» trabalhou na Administração
ai a passividade animal!

A «machamba» encheu-se de milho
preço de milho subiu.
O campo cobriu-se de algodão
preço de capulana subiu
subiu preço de «chiganda-bongolo»
ai a passividade animal!

Arroz de Gaza apodreceu nos armazéns
na Zambézia a seca rebentou barrigas negras
ai a passividade animal!

Preço de pão subiu
leite subiu
E a carne também subiu
tudo subiu
subiu como um Incomáti na raiva da cheia...
Ai da passividade animal!

mulata margarida

Eu tenho uma lírica poesia
nos cinquenta escudos do meu ordenado
que me dão quinze minutos de sinceridade
na cama da mulata que abortou
e pagou à parteira
com o relógio suíço do marinheiro inglês.

Mulata Margarida
da carreira do machimbombo treze
de cabelo desfrizado com ferro e brilhantina
fio de ouro com medalha de um misericordioso
Deus Nosso Senhor do patrão
e tu Joaquim chofer do táxi castanho
sabem que eu sou bom freguês
três dias apenas depois do fim do mês.

E corpo moreno de mulata Margarida
é vestido de nailon que senhor da cantina pagou
é quinhenta de chá
arroz e molho de amendoim
de Zeca Macubana que herdou olhos azuis

das românticas noites
de jazz
nos bares da Rua Araújo
enquanto a cinta elástica suspende
o ovário descaído.

E eu sei poesia
quando levo comigo a pureza
da mulata Margarida
na sua décima quinta blenorragia.

Maio de 1959

jambul

Jambul

vibrou a sua azagaia na última caçada
e cantou os últimos hinos de guerra do seu povo.

Foi derrotado Jambul
e começou legalmente o tráfico.

Na cidade

Jambul varre o lixo, limpa dejectos de fossas
e roja-se nos campos de algodão
pisado até ao fundo da sua alma
e diz baieté!!!

e o tráfico de Jambul o segundo homem
continua.

Prenhe

a negra geme a sua missão de fêmea
e no seu mundo fechado de um «xicwembo» de mil caras
enche-se de tráfico

como um «pongol» fermentado de «uputo»
enche-se até que renasça
finalmente do seu ventre

Jambul o homem da redenção.

grito negro

Eu sou carvão!
E tu arrancas-me brutalmente do chão
e fazes-me tua mina, patrão.

Eu sou carvão!
E tu acendes-me, patrão
para te servir eternamente como força motriz
mas eternamente não, patrão.

Eu sou carvão
e tenho que arder, sim
e queimar tudo com a força da minha combustão.

Eu sou carvão
tenho que arder na exploração
arder até às cinzas da maldição
arder vivo como alcatrão, meu irmão
até não ser mais a tua mina, patrão.

Eu sou carvão
Tenho que arder
queimar tudo com o fogo da minha combustão.
Sim!

Eu serei o teu carvão, patrão!

s a n g u e d a m i n h a m ã e

Xipalapala está chamar
oh, sangue de minha mãe
chigubo vai começar
chigubo vai rebentar
oh, *xipalapala* está chamar sangue de minha mãe!

Ah, sangue de minha mãe
chigubo está chamar
chigubo está chamar com força de batuque
eu vou entrar no *chigubo* com João, Tembe, Chang,
[Mussagi
e dançar no *chigubo*
sangue de minha mãe com sangue de toda gente.

Pode vir renegado sipai João «Mulato»
com *nonga dele* escondida nas costas
pode vir chuva de pedra açoitar os rins dos tambores
pode vir asa de fogo dos escaravelhos de feitiço zumbir
[minha cabeça
e podem vir todos guardas montados em negros cavalos
[de cascos de ódio



pisar minha barriga mais outra vez
mais outra vez
oh, sangue de minha mãe
xipalapala está chamar
está chamar
está chamar!

E o mato dos *xipenhe* vai acordar
sangue de minha mãe!
Oh, sangue de minha mãe
o mato dos *xipenhe* vai finalmente acordar
e gritar no ronga da grande fogueira
gritar sangue de minha mãe!

Xipalapala está chamar
Culucumba de minha mãe está rezar bíblia de xibalo
ah, mato vai acordar
chigubo vai começar
ah... sangue de minha mãe *chigubo* vai começar
e cólera de *xipalapala* vai cruzar todos caminhos do rio
[e do mar
gritar e suar no *chigubo* de Moçambique
sangue de minha mãe!

hino à minha terra

O sangue dos nomes
é o sangue dos nomes.
Suga-o também se és capaz, tu
que não os amas.

Amanhece
sobre as cidades do futuro.

E uma saudade cresce no nome das coisas
e digo Metengobalame e Macomia
e é Metemgobalame a cálida palavra que os negros
[inventaram
e não outra Macomia.

E grito Inhamússua, Mutamba, Massangulo!!!
E torno a gritar Inhamússua, Mutamba, Massangulo!!!
E outros nomes da minha terra
afluem doces e altivos na memória filial
e na exacta pronúncia desnudo-lhes a beleza.

Chulamáti! Manhoca! Chinhambanine!
Morrumbala, Namaponda e Namarroi

e com o vento a agitar sensualmente as folhas dos
[canhociros
eu grito Angoche, Marrupa, Michafutene e Zóbuè
e colho as sementes do cutilho e a raiz da txumbula
e mergulho as mãos na terra fresca de Zitundo.

Oh, as belas terras do meu áfrico país
e os belos animais astutos
ágeis e fortes dos matos do meu país
e os belos rios e os belos lagos e os belos peixes
e as belas aves dos céus do meu país
e todos os nomes que eu amo belos na língua ronga
macua, suaíli, changana,
xítsua e bitonga
dos negros de Camunguine, Zavala, Meponda, Chissi-
[buca
Zongoene, Ribáuè e Mossuril.

— Quissimajulo! Quissimajulo! Gritam as bocas autên-
[ticas no hausto da terra.

— Aruângua! responde a voz dos ventos na cúpula das
[micaias.

E o luar de cabelos de marfim nas noites de Murrupula
e nas verdes campinas das terras de Sofala a nostalgia
[sinto
das cidades inconstruídas de Quissico
dos chindjinguiritanas no chilro tropical de Mapulan-
[guene
das árvores de Namacurra, Muxilipo, Massinga
das inexistentes ruas largas de Pindangonga

e das casas de Chinhanguanine, Mugazine e Bala-Bala
nunca vistas nem jamais sonhadas ainda.

Oh! O côncavo seio azul-marinho da baía de Pemba
e as correntes dos rios Nhacuaize, Incomáti, Matola,
[Púnguè
e o potente espasmo das águas do Limpopo.

Ah! e um cacho das vinhas de espuma do Zambeze
[coalha ao sol
e os bagos amadurecem fartos um por um
amuletos bantos no esplendor da mais bela vindima.

E o balir pungente do chango e da impala
o meigo olhar negro do xipene
o trote nervoso do egocero
a fuga desvairada do inhacoso bravo no Funhalouro
o espírito de Mahazul nos poentes da Munhuana
o voar das sécuas na Gorongoza
a xidana-kata nas redes dos pescadores da Inhaca
a maresia no remanso idílico de Bilene Macia
o veneno da maba no capim das terras do régulo San-
[taca

a música da timbila e do xipendana
o ácido sabor da nhantsuma doce
o sumo da mapsincha madura
o amarelo quente da mavúngua
o gosto da cuácua na boca
e o feitiço misterioso de Nengué-wa-Suna.

Meus nomes puros
dos tempos de livres troncos de chanfuta, umbila e
[mucarala,
livres estradas de água
livres pomos tumefactos de sémen
livres shingombelas
e chigubos completamente livres!

Grito Nhanzilo, Eráti, Macequece
e o eco das micaias responde Amaramba, Murrupula,
[Nuanacamba
e nos nomes virgens eu renovo o seu mosto
e sem medo um negro queima as cinzas e as penas
[de corvos de agoiro
não corvos sim manguavavas
no esconjuro milenário no nosso invencível Xicuembo!

E um som de xipalapala exprime
os caninos amarelos das quizumbas ainda
mordendo agudas glandes intumescidas de África
antes da circuncisão ébria dos tambores incandescentes
[da lua nova.

A poesia de José Craveirinha distingue-se pela utilização de uma linguagem que vai directamente ao fundo do problema e que articula os problemas específicos do mundo moçambicano numa zona do conhecimento que se caracteriza pela sua força dialéctica.

Deste modo cada um dos versos, cada uma das palavras, contém uma carga emotiva e ao mesmo tempo ligada ao teor do real, que permite ao leitor uma tomada de contacto íntimo com a substância íntima de um homem moçambicano, que se distingue pela sua inclusão num quadro social perfeitamente determinado.

Deste modo o poeta é não já o simples fazedor de versos, mas antes um homem participante, que conhece o valor de cada coisa nas suas relações com o homem e procura estruturar, na veemência da palavra, um caminho para o futuro.

412

Capa
de
JOSE PADUA